

PENSAR NA DIVERSIDADE DAS CANÇÕES DOS PARTICIPANTES DO CLUBE DA ESQUINA ⁽¹⁾

Poliana Proton Ferreira Tomé ⁽²⁾
João Pinto Furtado ⁽³⁾
Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO

Este artigo trata-se do grupo de músicos conhecido como Clube da Esquina. Eles produziam um som que fundia as inovações trazidas pela Bossa Nova a elementos do jazz ⁽⁴⁾, do rock n' roll – principalmente The Beatles, de música folclórica dos negros mineiros e alguns recursos de música erudita e música hispânica. O objetivo desse trabalho é pensar na grande diversidade dessas canções ⁽⁵⁾ que trouxeram diversos elementos novos à Música Popular Brasileira. Assim sendo, teremos como análise as letras das canções.

Palavras chave: clube da esquina, canção e diversidade.

ABSTRACT

This article is treated of the known group of musicians as Club of the Corner. They produced a sound that melted the innovations brought by the New Swelling to elements of the jazz, of the rock n' roll - mainly The Beatles, of folk music of the mining blacks and some classical music resources and Hispanic music. The objective of that work is to think in the great diversity of those songs that you/they brought several new elements to the Brazilian popular music. Like this being, we will have as analysis the letters of the songs.

Words key: club of the corner, identity and diversity.

(1) Artigo apresentado no curso de Especialização em História da Cultura e da Arte.

(2) Aluna do curso de Especialização em História da Cultura e da Arte do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

(3) Professor Adjunto do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais - FAFICH - UFMG

(4) HOBSBAWM, E. História social do jazz. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

(5) O conceito é utilizado pelo autor Luiz Tatit ao longo de diferentes textos, mas destaque entre todos os livros: O Cancioneiro.

INTRODUÇÃO

O Clube nunca foi um grupo formalmente estruturado, eles nunca constituíram um grupo nos moldes tradicionais. A partir de 1968 que começaram a florescer as parcerias entre Milton, Fernando, Lô e Márcio, embora Milton e Márcio tenham iniciado a compor em 1963.

O Clube da esquina, expressão que surgiu como nome de uma canção (de Milton Nascimento, Márcio e Lô Borges) em 1970 e se estendeu a dois álbuns de Milton (em 72 e 78) e um show. Este clube jamais existiu materialmente, a “esquina” se situa no cruzamento das ruas Divinópolis e Paraisópolis, no bairro belo-horizontino de Santa Tereza. Era lá que se reuniam os “sócios” do “clube”, ligados pela música e pelo cinema, ou seja: os irmãos Márcio e Lô Borges, Wagner Tiso, Milton Nascimento, que por coincidência moravam no mesmo edifício Levy, no centro da cidade, bem próximo à residência do “sócio” Beto Guedes⁽⁶⁾.

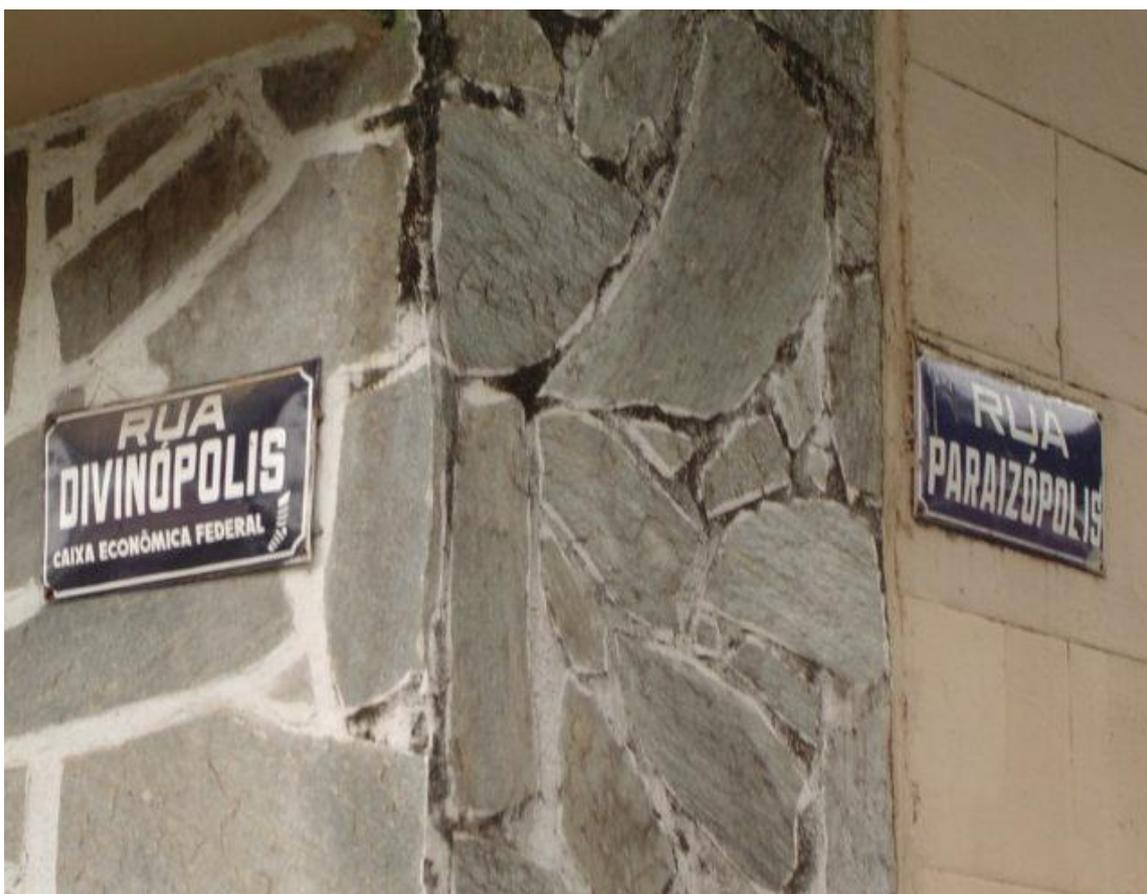


Figura 1: A esquina (foto: Sérgio Rosa)

(6) BORGES, Márcio. Os sonhos não envelhecem: histórias do Clube da Esquina. São Paulo: Geração Editorial, 1997.

Apesar de ter como figura proa Milton Nascimento ⁽⁷⁾ (que assina em parceria com Lô Borges o disco de 1972, e que é o autor principal do LP de 1978), o Clube da Esquina, como o nome indica, é uma entidade coletiva, que recebe as contribuições de muitos músicos e letristas. Além dos já citados, cumpre lembrarmos os nomes de Fernando Brant ⁽⁸⁾, Tavinho Moura, Toninho Horta, Ronaldo Bastos, Murilo Antunes, Wagner Tiso, Nelson Ângelo e Flávio Venturini, isso sem falar nas participações de Danilo Caymmi, Paulo Jobim e Francis Hime (no disco de 1978). As trajetórias distintas dos indivíduos que elaboram esses dois projetos (O LP Clube da Esquina, de 1972 e Clube da Esquina 2, de 1978) revelam-se na variedade de estilos e influências que verificamos logo numa primeira audição. Mesclam-se elementos da música africana e dos festejos do interior de Minas, vocalizações e harmonias ao estilo dos Beatles, música andiana, cantos indígenas e modas de viola.



Figura 2: Ponto de encontro para jogar bola e tocar música. (foto: Sérgio Rosa)

O Clube da Esquina não foi um movimento. Em nenhum momento da sua história houve a assinatura e o lançamento de um “Manifesto do Clube da Esquina”. De maneira espontânea, a partir das relações de amizade – as afinidades eletivas –

(7) DOLORES, Maria. Travessia: a vida de Milton Nascimento. Rio de Janeiro: Record, 2005.

(8) FORTES, Liana (org.) Fernando Brant. Rio de Janeiro: Editora Rio / Universidade Estácio de Sá, 205. Coleção “Gente”.

um grupo de jovens e talentosos compositores e intérpretes foram se juntando e compondo e cantando e fazendo shows e gravando discos e deu no que deu: um testemunho do seu tempo, um testamento de seus sonhos, de seus desejos, de suas dores e alegrias. E das dores e alegrias de milhares de brasileiros. Com uma inventividade musical e poética que deslumbrou e ainda encanta a todos aqueles que têm ouvidos para ouvir.

OS DOIS ELEPÊS

O primeiro disco ⁽⁹⁾ (O LP Clube da Esquina, de 1972) foi lançado em pleno governo Médici, e é recheado de alegorias e metáforas que traduzem os anseios de liberdade de um povo; o segundo elepê ⁽¹⁰⁾ (Clube da Esquina 2, de 1978) lançado já no ano que antecede a Anistia, anuncia este fato pelo tom afirmativo e pelas imagens radiantes, evocativas da condição tropical do Brasil.

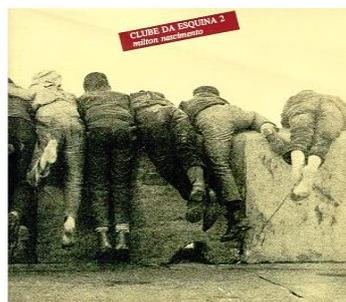
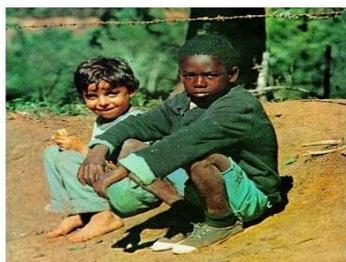


Figura3: Capas do primeiro e segundo elepê do clube da esquina.

(9) NASCIMENTO, Milton. Borges, Lô. Clube da Esquina. Guarulhos: EMI, 1994 (1972). 1 CD (64'24min): digital, estéreo. 830429-2.

(10) NASCIMENTO, Milton. Clube da Esquina 2. Guarulhos: EMI, 1994 (1978). 2 CDs (42' 28min / 38'02min): digital, estéreo. 791606-2.

A canção “Léo” parece ter sido inspirada nas capas dos dois LPs. No disco de 72, dois meninos, um negro e um branco, fitam a câmera, sentados num mesmo barranco. Um deles come um pedaço de pão. É a síntese do despojamento e da alegria infantis: sujos de terra parecem felizes. Na capa do LP de 78, vários meninos, de costas para a câmera, curvam-se por sobre uma mureta, para olharem algo que não podemos sondar. Os pés descalços e sujos são índices de uma liberdade que os compositores do disco só experimentam através das canções.

AS CANÇÕES E O SEU CONTEXTO HISTÓRICO:



Figura 4: Década de 70. Clube da Esquina grava programa para televisão. (foto: Mário LuizThompson).

Com o golpe de 1964, artistas e intelectuais tiveram de se ajustar à realidade da repressão. Apesar da censura, as manifestações artísticas, em especial o cinema, o teatro e a música popular, foram os principais focos de resistência.

De acordo com Ivan Vilela ⁽¹¹⁾, diferentemente da Jovem Guarda e da Bossa Nova, as músicas do clube da esquina mantiveram uma temática política presente, mas de forma subjetiva. O disco “Milagre dos Peixes” teve que ser feito, em grande parte, à base de vocalises, devido à censura de várias das letras. As letras das canções em geral revelam uma inclinação a construções mais abstratas, imagens ou metáforas que talvez sejam mais soltas de uma tradição poética da canção brasileira que as costumeiras da época, e mesmo depois. Pouco se encontra da estrutura de romance ou de narrativas, histórias ou situações das quais se podem tirar alguma moral ou mensagem.

(11) Ivan vilela é um músico, professor da USP, diretor da Orquestra Filarmônica de Violas e pesquisas feitas ligadas à cultura popular, viola caipira e MPB.

Paulo Vilara ⁽¹²⁾ em entrevista sobre seu livro “Palavras Musicais” diz que enquanto a Tropicália ⁽¹³⁾ carnavalizou a dor do regime militar o Clube da Esquina mergulhou fundo nela. Há exemplos em muitas das canções do grupo. Em “Milagre dos Peixes”, de Milton Nascimento e Fernando Brant, estão escritos esses versos:

*Eles não falam do mar e dos peixes
nem deixam ver a moça, pura canção
nem ver nascer a flor, nem ver nascer o sol
e eu apenas sou um a mais, um a mais
a falar dessa dor, a nossa dor*

Vemos que há aí a incorporação de um sentimento que é coletivo, um *nós* que sente a dor imposta ao país, e o compositor popular é apenas um a mais a falar dessa dor. Nesse sentido, os compositores e intérpretes do Clube da Esquina fizeram um trabalho colado à realidade que, naquele momento, contribuiu para dar alento a todos que lutavam pelo fim do regime de exceção e pela volta do respeito aos direitos humanos. Um trabalho artístico de relevância histórica.

Heloísa Maria Murgel Starling ⁽¹⁴⁾ diz que na obra musical do clube da esquina não se percebe muito da exaustão, do desânimo e da impotência política que organizaram o mundo noturno pós-tropicalista. Mas tampouco se descobre nos versos desse caminho à evocação de um novo tempo futuro, a promessa (e a certeza) na chegada de um dia que ainda virá, expressão de um desejo, em parte messiânico, em parte manifestação de pura esperança que, nos anos 60, incendiou a imaginação política de boa parte do cancionário popular. Nos versos do clube da esquina o canto fere os ouvidos penetrando a realidade do país como uma faca só lâmina pronta para recuperar para a canção tudo aquilo que de cortante, de incisivo, de agressivo, ela perdeu paralisada entre o extremo desespero e a esperança extrema. Com uma clareza sem véus, essa canção-faca vai exercer sua função de radicalidade crítica.

“Fé Cega, Faca Amolada” é uma espécie de continuidade de “Nada Será como Antes”, ou seja, uma canção de oposição ao regime militar brasileiro, escrita em linguagem bem mais agressiva, ao mesmo em que mostra um entrosamento maior na parceria Milton Nascimento-Ronaldo Bastos ⁽¹⁵⁾:

(12) Entrevista de Paulo Vilara por Edson Cruz e Alcino Leite Neto.

(13) Para tropicália, ver: FAVARETTO, C. Tropicália alegoria alegria. São Paulo: Ateliê Editorial, 1995.

(14) Professora do Departamento de História da UFMG.

(15) MELLO, Z. M. A canção no tempo – 85 anos de músicas brasileiras, v.2, 1998.

*“Agora não pergunto mais pra onde vai a estrada
 agora não espero mais aquela madrugada
 vai ser, vai ser, vai ter de ser, vai ser faca amolada
 o brilho cego de paixão e fé, faca amolada...”*

Numa demonstração de sintonia com o seu tempo, Elis Regina lançou “Nada será como Antes” e “Casa no Campo”, juntas, num mesmo compacto, representando essas composições, cada uma a seu modo, os anseios da juventude brasileira na ocasião. Gravada numa levada dançante e com um interlúdio de cordas, “Nada Será como Antes” é uma canção política, tendo a idéia da letra surgida, curiosamente, quando o autor Ronaldo Bastos lia um artigo sobre a questão do “amanhã” na música brasileira. Então, transferindo o enfoque da área musical para a política, ele expôs em versos metafóricos o drama dos que se preocupavam com o destino imprevisível dos exilados pela ditadura, entre os quais estava o seu próprio irmão;

*“Eu já estou com o pé nesta estrada
 qualquer dia a gente se vê
 sei que nada será como antes amanhã
 que notícias me dão de você
 sei que nada será como está, amanhã
 ou depois de amanhã
 resistindo na boca da noite um gosto de sol.”*

Ronaldo, Milton Nascimento e muitos outros viviam gregariamente no país, compenetrados na utópica missão de salvar o mundo por meio das obras de arte que criavam, constituindo-se “Nada Será como Antes” um autêntico libelo de oposição ao regime vigente. Além de Elis, Milton, autor da melodia, gravou esta canção no álbum Clube da Esquina (em 72) e, novamente, em 76, numa versão em inglês (do próprio Ronaldo, com René Vicent) intitulada “Nothing Will Be as It Was”. Esta versão seria gravada também por Sarah Vaughan no disaco Brazilian romance (em 87), com arranjo de Dori Caymmi.

Composto em 1973 para o filme “Jango”, de Sílvio Tendler, “Coração de Estudante” é o tema de João Goulart, que o acompanha nos momentos mais dramáticos como o comício da Central, o exílio e a morte. Nessas circunstâncias a música deveria ao mesmo tempo ser triste e passar uma mensagem de esperança. Encarregado da tarefa, Wagner Tiso compôs uma melodia tocante, mas em tom maior,

no caso sol maior, inspirada na cena dos garis varrendo a rua no dia seguinte ao comício. Aliás, tem como mote central um tema cigano, origem também de ancestrais do compositor. Para a gravação da trilha do filme, Wagner combinou um solo de saxofoneiro com acompanhamento de piano e contrabaixo. Após a estréia de “Jango”, Milton Nascimento fez a letra da canção, baseado na lembrança do enterro do estudante Edson Luís, morto pela polícia em 68, cantando-a nos três shows realizados no Palácio das Convenções de São Paulo, em novembro de 83. Gravado ao vivo, o espetáculo resultou num elepê, que mostrava ainda “Menestrel das Alagoas”, composição dedicada por Milton e Fernando Brant ao senador Teotônio Vilela. “Coração de Estudante” é realmente um hino de fé e esperança na juventude, bem adequado àquele momento em que o país se livrava de uma ditadura ⁽¹⁶⁾:

*“Coração de Estudante
há de se cuidar da vida
há de se cuidar do mundo
tomar conta da amizade
alegria e muito sonho
espalhados no caminho
verdes, planta e sentimento
folhas, coração, juventude e fé...”*

A canção tornou-se ainda o hino da campanha pelas eleições diretas, em 1984, e em seguida hino da chamada Nova República, com a eleição Tancredo Neves pelo Congresso. Quando Tancredo morreu, em abril de 85, “Coração de Estudante” seria a música executada nas transmissões do funeral pelas televisões, porém, já em nova versão de Tiso para o seu disco instrumental homônimo.

De acordo com Bruno Viveiros Martins ⁽¹⁷⁾, “O Vendedor de Sonhos” de 1987 de Milton Nascimento e Fernando Brant, aproxima o compositor popular com sua capacidade de incidir sobre a realidade social brasileira, oferecendo a ela, um modo particular de se pensar o Brasil que possa ser compartilhado por todos:

*“Vendedor de sonho
Tenho a profissão viajante
De caixeiro que traz na bagagem
Repertório de vida e canção”.*

(16) MORAES, Denis de. A esquerda e o golpe de 64. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

(17) Monografia de Bacharelado Clube da Esquina: viagens, sonhos e canções.

Com a figura de um viajante que percorre as estradas do país, transmitindo aos lugares por onde passa, um conhecimento prático que provem de sua experiência de vida. Esse compositor veste os trajes do viajante que vem de longe e tem muito por contar.

Já o tema de “Maria, Maria” já existia sem letra desde 1976, quando foi composto por Milton para um balé do Grupo Corpo, com roteiro de Fernando Brant inspirado em várias mulheres negras de nome Maria, que trabalhavam em sua casa ao tempo em que ele vivia em Diamantina. Dançando este balé com a trilha gravada na qual Milton cantava o tema na base de “lá-lá-lá”, acompanhado de violão, o Grupo Corpo excursionou pelo país e o exterior, ganhando fama e dinheiro. Então Milton pediu a Fernando uma letra a fim de incluir a música no disco Clube da Esquina 2, o que não representou muito trabalho para o poeta, que bastou sintetizar o seu próprio roteiro, praticamente aprontando o poema no intervalo de um jogo do Brasil na Copa de 78:

*“Maria, Maria
é um dom, uma certa magia
uma força que nos alerta
uma mulher que merece viver e amar
como outra qualquer do planeta...”*

Permaneceria sem letra somente um interlúdio, em movimento ascendente, que o compositor cantarola como na trilha do balé. A gravação de “Maria, Maria” é um dos pontos altos de Clube da Esquina 2, com Milton dando-lhe uma vigorosa e vibrante interpretação, que ajudou a canção a tornar-se uma das preferidas do público.

AS VÁRIAS IDENTIDADES ⁽¹⁸⁾ PRESENTES NAS MÚSICAS

O caráter coletivo do Clube da Esquina encontra um desdobramento em canções que reforçam nosso parentesco com as demais nações da América Latina ⁽¹⁹⁾, seja por serem regravações de clássicos desse cancionero, seja pela escolha de arranjos evocativos dessas culturas. O parentesco latino-americano é reforçado pelo Clube da Esquina pelo fato de que muitas nações latino-americanas sofriam sob o jugo de regimes ditatoriais naquele período. Não causa surpresa que já em 1986, e, portanto após a abertura política, a série televisiva “Chico & Caetano” tenha dedicado um programa a Milton Nascimento, Mercedes Sosa e Pablo Milanéz.

(18) ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 1985.

(19) CANCLINI, Nestor G. Políticas culturais na América Latina. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo

“San Vicente” de Milton e Fernando Brant inaugura a ponte que Milton construiu na MPB ⁽²⁰⁾ com nossos irmãos ibéricos e americanos de língua espanhola. Também “Dos Cruces”, de Carmelo Larrea, é um bolero que tem aqui a sua mais ousada e particular interpretação. “Dos Cruces” foi gravada por muitos artistas, porém, em nenhum momento foi dada a ela uma caracterização tão singular. A marcação rítmica que caracteriza um bolero desaparece por completo para dar lugar a uma interpretação lenta, densa, com um acompanhamento de acordes poucos comuns. A marca hispânica se faz presente na maneira como Milton canta.

“San Vicente” e “Dos Cruces” do LP Clube da Esquina de 1972, são as canções que estabelecem esse vínculo (esses laços seriam reafirmados, no segundo disco, com as canções “Casamiento de Negros”, recolhida do folclore chileno por Violeta Parra e, sobretudo, “Canción por La unidad de Latinoamerica”, de Pablo Milanéz e Chico Buarque). “San Vicent” para nos concentrarmos em uma canção alude ao estado de repressão como “um sonho estranho”, mas que deixa marcas nos sentidos, um “sabor de vidro e corte”:

“Coração americano, acordei de um sonho estranho

Um gosto vidro-e-corte

Um sabor de vidro e corte”.

A identidade latino-americana, expressa no primeiro verso, é sublinhada, após a primeira estrofe, pelo acompanhamento flamenco ao violão, com percussão de castanholas ao fundo. É oportuno recordamos que a própria formação da música popular brasileira deriva de uma mescla de elementos europeus, africanos e indígenas, como testemunha, de resto, a iconografia de época.

O caráter coletivo é também evidente na canção “Os Povos”. Retoma-se a metáfora da prisão (desta vez representada de modo mais direto, por meio de um portão de ferro e de um cadeado), que cede lugar à liberdade (mais uma vez por meio das imagens tropicais, luminosas).

“Ruas da Cidade” do LP Clube da Esquina 2 (1978) é uma homenagem a Belo Horizonte, berço do “Clube”. É um desfile de nomes de tribos indígenas, que batizam várias ruas do centro da capital mineira, e nesse processo reforça-se a preocupação dos componentes do Clube da Esquina em afirmar nossa identidade miscigenada. E essa afirmação perpassa também em “Testamento”, em que um eu lírico índio distribui recomendações aos seus para o dia em que morrer. Além de inaugurar uma consciência ecológica (“Cuidem bem de minha casa”), reforça a idéia de

(20) TINHORÃO, José Ramos. Pequenas histórias da música popular. Petrópolis: Vozes, 1975.

transitoriedade e deslocamento na imagem das cinzas que são jogadas no rio (e o rio, sabe desde Heráclito, é um signo de mutação).

“Paixão e Fé” de Tavinho Moura e Fernando Brant trazem ao disco um tempero de identidade inegavelmente mineira, ressaltando a religiosidade desse povo. A cena descrita é a de uma procissão 12, com sinos convocando aos fiéis e ruas enfeitadas, para que “cantem a ressurreição”, momento em que esse povo sofrido

“(…) Põe de lado a sua dor

(…) Esquece a sua paixão

Para viver a do Senhor”.

CONCLUSÃO

Cada um dos músicos do clube da esquina trouxe uma influência consigo. Lô e Beto Guedes vieram pela vertente do rock, porém já influenciados pela sofisticação harmônica da MPB. “Lô e a turma dele são os Beatles brasileiros”, afirma Samuel Rosa, em depoimento no DVD de Lô Borges “Intimidade”. Toninho vinha pela via do jazz e da bossa nova. Wagner Tiso pela sua formação clássica de piano e sua já vasta experiência em tocar jazz e bossa nova. Milton traz uma contribuição de harmonias modais e conduções harmônicas pouco comuns que fugiam aos procedimentos praticados até então. Esta variedade fez com que trouxessem essa mistura a MPB. Nos anos 70, esses artistas tornaram-se referência de qualidade pelo alto nível de performance e disseminaram suas inovações e influência a diversos cantos do país e do mundo. O Clube da Esquina trouxe uma inovação harmônica e melódica. Harmônica porque eles usavam uma vestimenta pra música totalmente inovadora. Enquanto a bossa nova teve influência do jazz, a música produzida em Minas Gerais incorporou sutilezas do barroco, sutilezas da música clássica, da música flamenca, um pouco do jazz, um pouco de tudo.

As raízes culturais negras, a tradição musical das cidades do interior mineiro, o diálogo com a canção latino-americana, o contato com os jazzistas norte-americanos, o acolhimento dos novos procedimentos sonoros criados a partir da bossa-nova, além das influências do rock universalizadas pelos Beatles, constituíram um leque de possibilidades a serem experimentadas. As canções do clube da esquina, além de possuir um significado, artístico, cultural e social é também uma ação que revela a intenção decorrente da necessidade de reagir defronte a uma realidade política que age como inimiga. Como diz Marilton Borges(21) “mais do que um clube fechado de

(21) Site Museu Clube da Esquina. Disponível em: www.museuclubedaesquina.org.br.

amigos, de parceiros e de companheiros, é uma referência da música que emergiu de Minas pro resto do mundo”.